

As linguagens artístico-culturais no centro histórico de Manaus: Repensando propostas turísticas no entorno do Teatro Amazonas durante a pandemia de COVID-19

Artistic-cultural languages in the historic center of Manaus: Rethinking tourist proposals in the surroundings of Teatro Amazonas during COVID-19 pandemic

LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA * [lcbs.mic19@uea.edu.br]

ENEILA ALMEIDA DOS SANTOS ** [eadsantos@uea.edu.br]

Resumo | O presente artigo apresenta as considerações de uma pesquisa voltada ao viés da Semiótica do Turismo, com foco na Interdisciplinaridade. Vinculada a esta linha de pesquisa, analisa-se de forma exploratória e interpretativa o contexto das linguagens artístico-culturais presentes nos espaços culturais no entorno do Teatro Amazonas no bairro Centro de Manaus enquanto oferta para as práticas turísticas locais. Os respectivos espaços culturais escolhidos para essa pesquisa foram: "Ateliê 23", "Casarão de Idéias", "Galeria do Largo", "Palácio da Justiça", e "Casa das Artes". Estes lugares abrigam aspectos distintos que variam entre as artes do teatro, das artes visuais, do cinema, da literatura e afins, apresentando diferentes perspectivas de um centro histórico vivo e habitado cujas artes representam um diferenciado ângulo do cotidiano da sociedade manauara e amazonense. Os resultados apresentam as dinâmicas culturais variadas que são comumente excluídas do setor do turismo local ao ausentá-las de mapas turísticos e roteiros pela cidade. Foram utilizados métodos de ilustração para melhor abordar a importância da imagem nos estudos da Semiótica do Turismo e para apresentar algumas linguagens artístico-culturais presentes no centro histórico de Manaus. Após a pesquisa, foi concluído que há uma grande diversidade de ofertas que não são absorvidas pelo *trade* turístico manauara que poderia renovar as atividades do campo do turismo para manter uma atenção maior no espaço urbano da cidade, gerando renda para a comunidade local e um conhecimento mais profundo do visitante com as culturas e as artes amazonenses.

Palavras-chave | Centro histórico de Manaus, turismo cultural, linguagens artístico-culturais, semiótica do turismo

* **Bacharel em Turismo** (UEA) **Mestre em Ciências Humanas** (PPGICH) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus/AM, Brasil.

** **Graduada em Pedagogia** (UNIABC) **Licenciatura em Artes Cênicas** pela Faculdade Marcelo Tupinambá e **Mestre em Educação Arte e História da Cultura** pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). **Doutora em Educação** pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Manaus/AM, Brasil.

Abstract | The current paper presents the considerations of a research focused on the Semiotics of Tourism, with a focus on Interdisciplinarity. Linked to this line of research, an exploratory and interpretative analysis of the context of artistic-cultural languages present in the cultural spaces surrounding the Teatro Amazonas in the Centro's neighborhood in Manaus is analyzed as an offer for local tourist practices. The respective cultural spaces chosen for this research were: "Ateliê 23", "Casarão de Idéias", "Galeria do Largo", "Palácio da Justiça", and "Casa das Artes". These places are home to different aspects that varies between the arts of theater, visual arts, cinema, literature and many others, different perspectives of a living and inhabited historical center formed by the arts that represent a different angle of the daily life of the society of Manaus and Amazonas. In this research, an appropriate interdisciplinarity of Semiotic theories was used, in order to analyze how artistic-cultural languages and the cultural spaces themselves in search of understanding the diversity of the local cultural dynamics, Tourism theories in order to understand new possibilities of studies in the area that involves ways to cover varied offers to visitors, theories of Arts that are thought of in the field of culture frequently, seeking to understand them under tourism studies, theories of Geography with a special understanding of the dynamics present in the territorial spatiality of a cluster. urban Amazon and finally, Cartography theories to map these phenomena for a better visualization of the artistic aspects and their determined occurrences in the historical center of the Amazon capital for a better approach about the problematic presented in this work. The results present as varied cultural dynamics that are commonly excluded from the local tourism sector when they are absent from tourist maps and itineraries around the city. Illustration methods were used to better address the importance of image in the study of Tourism Semiotics and to present more clearly, some of the artistic-cultural languages present in the historic center of Manaus. After the research, it was concluded that there is a great diversity of offers that are not absorbed by the manauara tourist *trade* that could renew the activities of the tourism field to maintain a greater attention in the urban space of the city, generating income for the local community and knowledge deeper understanding of the visitor with the Amazonian culture and arts.

Keywords | Manaus historic center, cultural tourism, artistic-cultural languages, semiotics of Tourism

1. Introdução

O turismo e as artes são campos cuja observação ocorre em perspectivas acadêmicas distintas. No momento em que há uma atividade turística com foco nas artes, pode-se relacioná-la ao turismo cultural. Este segmento envolve atividades distintas que podem ou não se intercruzar (Barreto, 2004). Antes de mais nada, cabe a necessidade de compreensão a respeito do que seria este "entorno do Teatro Amazonas" como ponto delimitador da pesquisa.

Entende-se como "entorno", ruas limítrofes e

paralelas ao Teatro Amazonas dentro do bairro Centro do município de Manaus no Brasil em que é possível locomover-se de um ponto A para um ponto B enquanto transeunte. Os cinco (05) espaços culturais escolhidos para esta pesquisa, encontram-se exatamente dentro do entendimento deste espaço territorialmente delimitado. No âmbito artístico-cultural, há diversos espaços culturais no entorno do Teatro Amazonas que oferecem possibilidade de interação do público com as artes, tais como: performances teatrais (Ateliê 23), exposições artísticas (Galeria do Largo, Palácio da Justiça e Casa das Artes), filmes independentes

(Casarão de Ideias), e etc.

As expressões artísticas, ou linguagens artístico-culturais dos espaços, encontradas no centro histórico são bem diversificadas: Ateliê 23 - performances teatrais; Casa das Artes - exposição de fotografias, pinturas, etc.; Casarão de Ideias - cinema independente, exposição de projetos culturais, adereços culturais locais, assim como teatro tanto quanto o Ateliê 23; Galeria do Largo - exposição de pinturas e quadros; Palácio da Justiça - espaço para visitas guiadas pela arquitetura e história administrativa/jurídica do prédio, exposição de peças culturais e apresentações da filarmônica, corpo de dança etc.

Todos os espaços culturais propostos por essa pesquisa, localizam-se no entorno do Teatro Amazonas que costuma receber um grande quantitativo de visitas. De acordo com o Observatório de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, UEA - Observatur, após realizar um levantamento estatístico com dados de visita da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas - SEC, apenas em 2018, o Teatro Amazonas recebeu um total de 101.617 visitantes, desde moradores locais (30.240), turistas nacionais (29.545) e turistas internacionais (23.010).

O levantamento ainda apresenta que 18.822 estudantes também visitaram o Teatro Amazonas naquele ano. É possível notar que há um campo bem diverso no que diz respeito ao turismo cultural, e que poderia ser melhor aproveitado visto que são espaços culturais inseridos em uma área de grande atratividade turística. A cultura entendida como um fenômeno nos centros históricos atrai visitantes para espaços públicos que, por razões diferentes, não possuem mais tantos transeuntes circulando com o intuito voltado ao lazer. Muitas destas áreas permanecem em estado de abandono enquanto outras passam por processos de revitalização. Buscar formas de repensar estes lugares para engajar um maior fluxo para áreas pouco visitadas pode instigar naquelas pessoas um sentimento de pertencimento àquela região, podendo

ou não, gerar mais visibilidade para as ofertas existentes, assim como, uma compreensão maior sobre a importância de manter o espaço preservado.

As práticas turísticas existentes no Teatro Amazonas e seu entorno costumam priorizar arquiteturas específicas, construídas durante o período áureo da borracha, sem considerar as expressões artísticas como atrativo turístico. Há uma grande quantidade de expressões artísticas - que são entendidas nesta pesquisa como linguagens artístico-culturais - existentes no local, que vão desde o teatro de rua até as galerias de artes. Existe uma demanda de turistas que buscam ver, entender e ter contato com o tipo de conteúdo artístico abordado pelo destino turístico visitado. Observa-se ainda a existência de um olhar artístico daquele local e como está relacionado não só com a forma de criar arte de outros locais, podendo estes serem nacionais ou internacionais, mas com o contexto da realidade existente naquele lugar.

O presente estudo apresenta, portanto, uma nova forma de olhar as atividades turísticas de um destino localizado no centro da floresta amazônica, apresentando ao visitante, as ofertas artísticas como alternativas das práticas turísticas no centro histórico da cidade de Manaus, no Brasil. As ilustrações foram elaboradas em parceria com um artista amazonense oriundo da cidade de Parintins, Alziney Pereira, responsável também por mudar a estética dos paredões históricos da capital do Amazonas. Justamente por isso, sua escolha para participar desta pesquisa foi decisiva com o objetivo de aproximar os traços das ilustrações aqui presentes com os traços das pinturas existentes no centro histórico de Manaus. Na figura 1, é possível observar a primeira ilustração feita por Pereira, apresentando alguns dos signos semióticos existentes no Centro de Manaus:



Figura 1 | Signos socioculturais presentes no centro de Manaus, Brasil
Fonte: Pereira (2021)

Na ilustração, é possível notar a presença de monumentos patrimoniais cuja arquitetura costuma chamar bastante a atenção dos visitantes por ter aspectos muito originais. Entretanto, a presença da gastronomia amazônica também molda a paisagem urbana da cidade com pratos culinários como o tacacá, o x-caboquinho, o tambaqui de banda etc., por fim, a presença de animais pela cidade também é algo comum o que os tornam signos naturais manauaras como o boto-cor-de-rosa, as araras vermelhas e até o pequeno sauím-de-coleira, um primata que existe especificamente no território pertencente ao município de Manaus e portanto, o sauím se torna um signo representante da cidade tanto quanto o próprio Teatro Amazonas. É importante ressaltar que esta pesquisa é um desdobramento dos resultados alcançados por meio de estudos realizados durante o processo de construção da dissertação de mestrado finalizada em março de 2021.

2. Cultura, arte e turismo cultural

Dentre as muitas discussões sobre a origem do turismo cultural, há um consenso de que o *Grand Tour*, fenômeno social cujo auge ocorreu entre os séculos XVII e XVIII, praticado pelos jovens aristocratas europeus, possa ser a origem mais provável do turismo cultural que conhecemos hoje em dia (Salgueiro, 2002; Ministério do Turismo, 2006; Segala, 2007).

É importante ressaltar que o amor à cultura dos povos da Antiguidade europeia, como a civilização romana, gerou não só uma grande atividade artística e cultural nestes destinos graças a esses turistas, como por exemplo a produção de retratos pintados por artistas locais como Maarten Van Heemskerck (1498-1574) ou Pompeo Batoni (1708-1787), mas também auxiliou na percepção dos moradores locais ao notarem que monumentos históricos preservados, atraem viajantes para vê-los e, conseqüentemente, movimenta a geração

de renda na economia local.

É possível entender a importância do *Grand Tour* para uma percepção social local sobre a necessidade de preservar seus patrimônios históricos. Vale ressaltar que, no início dos *Grand Tours*, apenas os filhos da elite burguesa britânica tinham renda suficiente para executar todo o roteiro. Salgueiro (2002) afirma que durante todo o século XVII até o final do século XVIII, este perfil foi mudando até abranger filhos da classe média urbana, formada por burgueses prósperos e emergentes do setor de serviços que a indústria indiretamente engendrava.

O filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton (2000) afirma que a cultura é uma das três palavras mais complexas de conceituar - não apenas na língua inglesa, mas em todas as línguas devido ao seu conceito abrangente. Entretanto, o autor entende que cultura é menos complexa que a palavra natureza. Cultura para o sociólogo e antropólogo francês Denys Cuche (1999) está relacionada com a capacidade do ser humano em se adaptar em seu meio, assim como ser capaz de adaptar esse meio ao ser humano. Cuche (1999) diz que a percepção envolvendo a cultura é ligada à reflexão sobre as ciências humanas. A cultura é necessária para (re)pensar a humanidade em sua diversidade além das questões biológicas, no qual assemelha fornecer a resposta mais plausível acerca da diferença entre os povos.

De acordo com o autor, a cultura nos ajuda a refletir sobre como a humanidade se separa por meio de comportamentos diferentes entre grupos sociais, podendo gerar identidades específicas que os diferenciam, indo além da raça, cor e credo. Portanto, o compartilhamento de uma mesma cultura pode ir além dos termos biológicos. Por fim, "a cultura torna possível a transformação da natureza" (1999, p. 10), trazendo, portanto, uma explicação que contradiz entendimentos relacionados ao "comportamento natural do ser humano" (p.10).

Manaus é uma cidade que abrange um nú-

mero variado de grupos sociais entre seus residentes desde sua formação. Nota-se, no entanto, que independente de qual grupo social a pessoa pertença, é inegável que os comportamentos sociais do contexto amazônico induzem nos seus respectivos cotidianos, influenciando em suas alimentações, expressões linguísticas, lazer e afins. Com a criação da Zona Franca por volta dos anos 1970, muitas pessoas se mudaram para Manaus em busca de qualidade de vida.

Segundo o último censo do IBGE em 2010, 1.802.014 pessoas estavam residindo na cidade cuja perspectiva populacional estimada em 2020 é de 2.219.580 moradores. Percebe-se que em dez anos, aproximadamente 500 mil pessoas mudaram-se para a capital do Amazonas, o que refletiu em culturas diferentes entrando em contato sistematicamente. Cuche (1999) entende a ideia de contatos culturais, chamando-os de aculturação, cujo conceito, oriundo de reflexões vindas do latim, é designado como uma forma de aproximação entre culturas, "(ad) cultura", e não como distanciamento entre elas: "(a) cultura". Dessa forma, foi definido um conceito de fenômenos gerados pelos contatos entre grupos sociais diferentes, causando assim, certas alterações e adições culturais nestes grupos.

O mesmo autor também traz uma discussão a respeito da cultura e conceitos de hierarquia (1999) em que, por ser um produto histórico reproduzido por relações sociais, a cultura se fundamenta numa situação de hierarquia abrangendo valores sociais diferenciados devido a um convívio complexo, conflituoso e em constante contato na sociedade.

Surge então o conceito trazido pelo autor da existência de culturas dominantes e dominadas no qual Cuche (1999) afirma que a cultura da classe dominante sempre será a cultura dominante, não no sentido de superioridade, mas no sentido de persuasão, visto que são grupos sociais que estão em contínuo estado de dominação ou subordinação uns com os outros. Portanto, nesta perspectiva,

a cultura dominada não é exatamente uma cultura alienada sendo totalmente independente. É uma cultura que não pode desconsiderar a cultura dominante durante a sua evolução, mas que pode resistir em escala maior ou menor à imposição cultural dominante. É importante ressaltar que a recíproca é verdadeira, mesmo que em menor grau. É por meio das ideias de hierarquização de culturas que surgem variantes da cultura: cultura popular; cultura de massa; cultura operária; cultura burguesa; etc (Cuche, 1999). Nestes aspectos sociais da cultura surgem as artes, que se tornam primordiais como meio de expressão de grupos sociais em relação com o meio em que (con)vivem. Esses grupos, (Fischer, 1987) após adquirirem inspiração por meio de certas vivências resultantes de traumas, memórias etc., utilizam a criatividade para demonstrar seus sentimentos via literatura, pintura, música, dança e afins.

O escritor, jornalista e político austríaco Ernst Fischer (1987), ao questionar a necessidade da arte, acredita que ela possa dar significação às coisas, ao contrário de um trabalho capitalista alienante e sistematizado. Para o autor, uma de suas funções é gerar empatia no qual aquele que irá apreciar uma respectiva arte, consiga compreender o artista. Fischer questionará como primeiro passo, ser preciso advertir que tendemos a considerar natural, um fenômeno surpreendente o fato de milhões de pessoas lerem livros, ouvirem músicas, irem ao teatro e ao cinema. Ao questionar o motivo, o autor reflete sobre as indagações de buscar distração, divertimento, relaxação, não são pontos de resolução do problema.

O autor traz muitos questionamentos que não são exatamente problematizados pela maioria dos grupos sociais de uma sociedade. Questionamentos esses, que buscam trazer reflexões pertinentes sobre essa necessidade de haver arte no cotidiano dos grupos sociais. O homem precisa ir além de si mesmo, (Fischer, 1987) a sua existência por si só não é suficiente, é preciso socializar sua individualidade enquanto busca por um mundo que tenha

mais significação. Para Fischer (1987), a arte é o meio indispensável para auxiliar na união do indivíduo com o coletivo, no qual espelha a infinita capacidade do ser humano para se associar, para circular experiências e ideias.

A cultura, conforme o exposto, é muito diversificada e lidar com toda essa diversidade pode ser possível de duas formas, conforme foi proposto pelo pesquisador e professor da Universidade Federal do Pará - UFPA, Silvio Lima Figueiredo (2017), ao entender que a primeira forma seria por meio da indústria cultural que retira os aspectos “estranhos” da cultura para torná-la mais aceitável a uma ideia de gosto médio após transformar toda essa diversidade de expressões presentes na cultura para embalar e colocar em prateleiras.

Para Figueiredo, a indústria cultural continua redistribuindo ideias, sentimentos e valores transmutados nos quais há conflitos que são amansados e incômodos suavizados, como se o povo tivesse se tornado apreciador desse gosto médio. Em suma, Figueiredo (2017) entende que o peso da alteração do consumo dos produtos, da mercadorização das expressões da cultura continua. A outra forma de lidar com a cultura surge no que Figueiredo (2017) afirma ser uma frequente transformação da curiosidade sobre o mundo e os homens em possibilidades de viagem de conhecimento. Para o autor, essas viagens são tratadas como turismo mesmo que este seja um conceito que surgiu durante o século XIX para dar conta de viagens em grandes grupos com a finalidade de lazer, organizadas por empresas criadas justamente para esse fim: as agências de viagem. Os fenômenos naturais e culturais, vale destacar que o natural é cultural, transformam-se em “atrações”. Desta forma, as culturas passam a ter uma aptidão externa à importância destas para aqueles que as criaram. A partir deste momento, para o autor, o turismo cultural surge conforme o conhecemos atualmente e que em um primeiro momento, a visita a lugares e a objetos marcados pelo homem, pela história, pelas manifestações do sagrado e a participação em eventos considerados

pela história e por uma dada comunidade como importantes a vivenciar e a conhecer. Em outras palavras, seriam viagens orientadas pela perspectiva de que o objeto principal de visita  o vai além de seu sentido imediato, pelo menos idealmente.

Conforme Figueiredo (2017), o nascimento do conceito de turismo cultural pode ter surgido durante o século XIX, nas viagens de pessoas, em sua maioria pesquisadores e/ou religiosos, em busca de compreender e aprender mais sobre outras civiliza  es por meio de explora  es, que já ocorriam bem antes. Viajar para ampliar os conhecimentos acerca de como outros grupos sociais vivem, sempre esteve presente na humanidade, fenômeno esse que atualmente pode ser entendido como turismo cultural.

2.1 Historicidade do estado brasileiro do Amazonas e a cidade de Manaus

O estado do Amazonas tem esse nome devido ao rio que corta toda a floresta do oeste ao leste e que, segundo a historiadora amazonense Etelvina Garcia (2010), o rio foi batizado assim após muitas explora  es espanholas pela região no qual os aventureiros utilizavam de seus conhecimentos acerca de mitologias europeias para ajudá-los a compreender o novo ambiente que exploravam. A autora acredita que o primeiro contato ocorreu por meio de Vicente Y   ez Pinzón, um espanhol e primeiro europeu a encontrar a foz deste rio após cruzar a linha do equador em janeiro de 1500, mas que foi Francisco de Orellana quem o percorreu por toda sua extensão. Para Garcia (2010), a ilusão do fantástico que alimentava o imaginário dos aventureiros europeus tomou conta do cronista da viagem de Orellana. Ao misturar realidade e fantasia, Carvajal disse que a expedi  o foi agressivamente atacada na foz do rio Nhamundá por uma tribo de mulheres ferozes que viviam a umas sete jornadas da costa e combatiam como capitães, com seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como

dez   ndios. Ainda de acordo com o relato, Conhori, a rainha e suprema comandante guerreira, morava na capital, em meio a grandes casas de adora  o ao sol, adornadas com ídolos feitos de ouro e prata. Neste mundo governado sob um sistema matriarcal, as figuras masculinas s   participavam uma vez por ano ao cumprir a tarefa de reprodutores. Após o ato, retiravam-se e levavam um amuleto precioso: o muiraquitã, a delicada pedra verde, quase sempre em forma de ré, que as guerreiras escondiam no fundo do rio. Das crianças que nasciam, somente as meninas eram bem-vindas e ficavam próximas às mães, recebendo educa  o e treinamento de combate. Os meninos eram mortos ou entregues aos pais.

Nota-se que os aventureiros mesclaram conhecimentos e informa  es que tinham sobre a lenda das guerreiras Amazonas, presente na mitologia greco-romana, para entender o comportamento dos grupos humanos residentes na floresta em que muitos, culturalmente mantinham e mant  m os cabelos compridos. Visto que essa interpreta  o, além da crença de terem encontrado o lar das guerreiras mencionadas em relatos seculares em suas terras natais, o rio passou a ser conhecido como Amazonas, o que influenciou no nome da floresta e posteriormente no nome do estado do Amazonas. A história de forma  o da então província e agora, estado do Amazonas, esteve mais ligada    expansão territorial do Império ultramarino português e em seguida, Império e República brasileiros, do que com povoamento e urbaniza  o.

Tais processos de busca no aperfeiçoamento da infraestrutura local só são prioridade no estado durante o ciclo econ  mico da borracha iniciado em 1877 (Garcia, 2010), mas que tal processo de constru  o e reconstru  o focou primordialmente na capital do estado, em Manaus. A capital amazonense, assim como outras cidades formadas na América, sofreu muitas mudanças de nome, como afirma a pesquisadora amazonense e doutora em antropologia social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Ana Maria Lima Daou

(2014), o que era reflexo da instabilidade durante a implantação das cidades na América Latina.

A autora (2014) afirma que no caso de Manaus, a instabilidade presente em um continente desconectado internamente pelo intercâmbio e o comércio resultou, a longo prazo, na dificuldade de reconhecer suas devidas funções. Outra questão, foi a frágil relação com o governo central que foram importantes para a escolha territorial entre os rios Negro e Solimões durante o processo de civilizar a região em três momentos históricos diferentes do Estado: império ultramarino português; monarquia brasileira; ideário republicano brasileiro.

As alterações sofridas pela cidade foram resultado de várias modificações provenientes das mudanças de sistemas de governo e ciclos econômicos pela história da nação brasileira. No início da formação da cidade, Daou (2014) nos diz que para dar continuidade na povoação, onde seria posteriormente a capital da Província, deveria ter uma maior modernização na área urbana no qual houve a construção de muitos prédios ou aspectos da presença do império português e futuramente, do império brasileiro também. Daou (2014) destaca que durante essa reconstrução iniciada em 1669, onde foi escolhida entre dois igarapês situados três léguas acima da confluência do rio Negro com o Solimões. O fortim, em que repousava a segurança e soberania portuguesa naquelas paragens, imponente o bastante para manter em respeito a indiada, recebeu o nome de José do Rio Negro. Nas imediações da nova praça logo se localizaram algumas famílias de Barés, Banibas e Passés, com que se formou a primeira população do lugar da barra, nome por que começou a ser conhecido o nascente povoado. Foram lançados os fundamentos da futura Manaus.

Basta dar uma volta no atual centro histórico de Manaus para notar que tal fortim já não existe mais. Em fato, por meio de pesquisas em registros de viajantes pela região por volta do ano de 1860, Daou (2014) nos mostra que mesmo naquela época, tal fortim já se encontrava em ruínas.

No entanto, a autora nos mostra que por muito tempo, ele se manteve como um dos mais importantes pontos de referência da região por estar situada em local de passagem obrigatória para reabastecimento e obtenção de permissão para viagens de subida e descida dos rios amazônicos, além do escoamento das “drogas do sertão” transferidas dali para o porto de Belém. Quanto ao Forte e consequentemente à origem de Manaus, o pesquisador amazonense mestre em artes visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e doutor em história social pela Universidade Federal Fluminense - UFF, Otoni Moreira de Mesquita (1997), dá continuidade alegando que sua origem data do século XVII, quando os portugueses passaram a explorar a região amazônica em busca de escravos indígenas. Na segunda metade daquele século, fundaram, na enseada do Tarumã, a primeira povoação do Rio Negro, onde se agrupavam índios das mais diversas nações amazônicas. Posteriormente estabeleceram-se à margem esquerda do Rio Negro, próximo à confluência com o Rio Amazonas, e ali instalaram um Destacamento de Resgate. Em torno de 1669, ergueram no local um forte, batizado com o nome de Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro, em torno dessa construção reuniram índios Barés, Banibás, Passés, Manãos, Aroaquis, Juris e de outras tribos. Com estes grupos indígenas e alguns brancos, iniciou-se o povoamento do lugar, que recebeu diferentes denominações relacionadas à fortaleza ou à barra do rio. Sendo comuns os termos Fortaleza do Rio Negro, Fortaleza da Barra, Lugar da Barra, Barra do Rio Negro, Barra e Villa da Barra.

Ambos os autores trazem destaque aos diferentes povoados indígenas presentes no entorno da fortaleza, mostrando a sua forte presença na cidade desde sua origem. Origem essa que costuma ser ligada apenas aos portugueses. Além disso, Mesquita (1997) destaca que o forte foi construído acima de um cemitério indígena, algo bem representativo para o período colonial amazônico visto que a imagem, por ser muito trágica, pode ser in-

interpretada como a real intenção portuguesa em relação às manifestações nativo-americanas. O processo de alteração de seu nome ocorreu devido dois importantes critérios conforme Daou (2014): à localização geográfica que resultou no nome Barra do Rio Negro e à ocupação daquela área por grupos indígenas, dentre os quais havia os Manaós, grupo de indígenas que inspirou o nome Manaus no qual a autora afirma que as mudanças ocorreram num processo em período iniciado em 1848 quando a Vila da Barra do Rio Negro foi elevada à categoria de cidade e, com a implantação da Província em 1852, tornou-se capital. Em 1856 teve a consagração do nome Manaus. No mesmo ano, o primeiro artigo da Lei nº 64, de 4 de setembro, sancionada pela Assembleia Legislativa Provincial no qual dizia que a cidade da Barra do Rio Negro denominar-se-á dora em diante Manaós. Desde então, a única alteração na nomenclatura oficial foi na escrita do termo para um que se aproximasse mais da forma como a população pronunciava no dia a dia.

Assim, Manaus permaneceu sendo, depois das sucessivas alterações, o nome definitivo da cidade, o que contou com o aceite expressivo da população, como se conclui pelas comemorações. Na referência aos Manaós, consagra-se o nome da tribo desaparecida, a tribo de Ajuricaba, liderança indígena que resistiu à atuação portuguesa que promoveu a devastação populacional do rio Negro. Com o passar dos anos, Manaus tornou-se quase que uma cidade-estado devido aos grandes contrastes entre a capital e os municípios próximos. Mas antes de chegar à influência contemporânea da capital amazonense, é preciso compreendê-la desde sua origem que conflituava com uma divergência encontrada no nome exato da comunidade que inspirou o atual nome da capital amazonense.

Durante o processo de pesquisa bibliográfica, ao pesquisar em três obras de pesquisadores amazonenses, foi constatado formas distintas de se referir a esta comunidade: Garcia (2010) acredita que a escrita seria “a nação Manáo”; para Daou

(2014) a escrita certa precisaria adicionar uma letra no fim da nomenclatura assim como sua entonação “os Manaós”, quanto que para Mesquita (1997), a forma de se referir à nomenclatura original seria alterando a posição do acento agudo e mudando a entonação da palavra para algo mais próximo do que Garcia defende “Manáos”. Não há consenso envolvendo a forma certa de escrever o nome desta comunidade que originou o atual nome da capital do Amazonas. Entretanto, apesar das discordâncias envolvendo tal temática, é necessário apresentar estas divergências dentro da academia acerca da forma mais correta de se dirigir a estes indígenas.

2.2 Construção do centro histórico de Manaus e sua relação com o Turismo

O centro histórico de Manaus começa a surgir após a descoberta do uso da seiva da árvore Seringueira para a produção de látex. Com isso, o processo de urbanização e aperfeiçoamento da cidade se inicia no final do século XIX com a construção de prédios com arquiteturas ecléticas, trazendo para a Amazônia uma paisagem europeia. Muitos dos prédios construídos nessa época, se tornam pontos de relevância arquitetônica até nos dias atuais, se tornando atrações turísticas históricas. Sobre alguns desses elementos arquitetônicos Garcia (2010) nos diz que um deles, o palácio da Justiça compõe com o Teatro Amazonas o conjunto arquitetônico mais representativo de edifícios públicos monumentais. As linhas nobres da arquitetura, os traços neoclássicos de detalhes da fachada dão a esse palácio uma elegância implacável, compatível com a natureza da Justiça, que nele se exerceu por mais de um século. O Palácio com toda a sua magnitude arquitetônica, molda a paisagem central da cidade com sua exuberância. Após décadas como um prédio voltado para atividades jurídicas, o Palácio se tornou um centro cultural no qual é possível observar não só os de-

talhes externos da construção, mas internos também. A população local naquele período áureo da *Belle Époque*, teve a oportunidade de observar continuamente a criação de cada uma destas construções presencialmente. Para Mesquita (1997) o Palácio da Justiça, apesar de estar localizado às costas do Teatro Amazonas, segue sendo uma das mais belas construções presentes no centro histórico de Manaus e nem mesmo sua infeliz localização em relação ao Teatro é capaz de ofuscar sua beleza e elegância.

Com a economia da borracha em seu auge, a cidade passou por muitas alterações em sua paisagem urbana. Garcia (2010) evidencia que vários igarapés foram drenados e aterrados, pontes e ruas foram construídas, praças foram planejadas como plano de embelezamento local e entretenimento social. A economia também favoreceu a multiplicação de oportunidades econômicas para navegação, comércio, construção civil etc. A concretização de um “aformoseamento da cidade” de acordo com Daou (2014) foi devido a um conjunto de iniciativas reguladoras, fiscais e de reconhecimento das características de ocupação da cidade. A autora menciona que a criação da planta de Manaus facilitou no melhor ordenamento de futuras intervenções visando uma maior ampliação do espaço urbano além dos limites geográficos de igarapés e pela própria mata.

A confecção da planta da cidade tornou-se um divisor de águas para o modo de vida que existia antes, mais característico com aspectos sociais encontrados em vilas, para um modo de vida eurocêntrico, cortando laços com o regional e popular para dar espaço aos signos sociais encontrados em sociedades não-amazônicas. Manaus começou a ser construída de costas para os rios que a margeavam, tal ideia soa como se o objetivo fosse criar uma bolha alienante onde os moradores esquecessem que estavam em plena mata amazônica e comesçassem a acreditar que ainda estavam na Europa.

A proibição de moradores de classes mais bai-

xas de circularem na área central da cidade foi justificada em razão de seus respectivos modos de vida estarem mais relacionados à cultura ribeirinha, o que destoava do imaginário europeu proposto para o centro da cidade. Tal proibição surgiu em razão de evitar que a presença destes grupos sociais quebrasse esse imaginário eurocêntrico planejado para Manaus no início de sua fundação. Estes grupos foram realocados para bairros periféricos que existem até os dias de hoje como por exemplo o bairro Educandos. Com o declínio do ciclo da borracha, muitas famílias da elite local se mudaram para outras cidades brasileiras com melhores estabilidades econômicas, resultando numa maior apropriação desses grupos de classes mais baixas por todo o território do centro histórico com o passar das décadas (Andrade, 2010).

A formação dessa cidade com fortes traços europeus localizada no centro da floresta amazônica auxilia num maior entendimento de como seria essa mobilidade turística nos espaços urbanos de Manaus no início do séc. XIX buscando identificar este visitante da melhor forma possível para entender se as políticas de modernização da cidade estimulavam os fluxos turísticos. Para o turismólogo brasileiro mestre em *Géographie-Aménagement et Urbanisme pelo Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine* na França, Terence Keller Araújo Vieira de Andrade (2010) havia um progressivo aumento de hotéis e visitantes como resultado dos inúmeros processos de investimentos públicos em Manaus pelos quais começava a ser percebido uma nova forma de olhar para os lugares manauaras, inserindo assim práticas específicas na capital. As transformações urbanas de Manaus foram inclusive utilizadas como estratégias de comercialização turística por parte de uma operadora inglesa logo no início do século XX. O autor, portanto, reflete que se é da Inglaterra que o fenômeno turístico se expande no mundo, seria Manaus mais uma resultante da tradição britânica de turistificar lugares? Aprofundando ainda mais este questionamento, seria a cura, o divertimento,

o reencontro e a contemplação que justificava a vinda desses turistas para a capital?

O autor traz reflexões pertinentes sobre o papel da cidade para aqueles que a visitavam. Manaus recebeu muitos investimentos dos ingleses para reformas urbanas durante tal período, que segundo Andrade (2010) eles também foram responsáveis pela implantação, em 1882, da empresa britânica *Booth Steamship Company* com uma frota de sete navios que visavam transportes marítimos/fluviais de visitantes, com objetivo de conectar Manaus com diversas cidades europeias e estadunidenses, iniciando o processo de turistificação da capital amazonense.

A empresa pertencia aos irmãos Alfred e Charles Booth que, de acordo com o autor Andrade (2010), os dois foram além ao inovar com ações promocionais para o mercado britânico com o que ficou chamado de *1000 Miles up the Amazon* ou 1000 milhas à Amazônia em tradução livre, um roteiro turístico com partida na Inglaterra com a premissa de “descobrir” a Amazônia. É interessante perceber que o que atraía os visitantes europeus sempre foi alvo de certo desprestígio pela população manauara no qual estava ligada a uma novidade que correspondia à venda de pacotes destinados à Manaus. O autor (2010) complementa trazendo mais detalhes acerca do trajeto planejado partindo inicialmente de Liverpool seguindo em direção para várias paradas em território português como Leixões, Porto, Lisboa, Ilha da Madeira e então, seguia finalmente para pontos localizados na Amazônia cujas práticas de turismo ainda eram bastante iniciantes e amadoras. Os destinos de Salinópolis, Ilha de Marajó, Belém, Chapéu Virado, Ilha do Mosqueiro e Manaus faziam parte deste roteiro. Eram seis semanas em um luxuoso navio chamado Hildebrand que seriam mais que necessárias para percorrer as 11.800 milhas do trajeto. Deste total, 2000 estavam concentradas dentro da bacia do rio Amazonas.

Nota-se que o foco era justamente “desbravar” e conhecer as diferentes perspectivas sociais pre-

sentes nas sociedades encontradas na Amazônia, dos menores vilarejos aos grandes aglomeramentos urbanos como Belém e Manaus. Andrade (2010) nos mostra que, não apenas a crise da borracha afetou suas operações, mas a primeira guerra mundial afetou a estabilidade da qualidade de vida de seus clientes que eram em sua maioria europeus.

Andrade (2010, p.15) acrescenta que “além destas duas crises, a empresa Booth cedeu vários de seus navios e funcionários para as forças armadas britânicas o que influenciou na comercialização do roteiro turístico *1000 Miles up the Amazon*.” A Amazônia, por ter uma vasta cobertura vegetal, sempre esteve responsável por mexer no imaginário daqueles que ousavam se aventurar por meio de seus rios imaginando todas as criaturas que poderiam existir na imensidão verde da floresta. Andrade (2010) afirma que o pacote turístico *1000 Miles up the Amazon* tinha como um de seus objetivos, desmistificar tal imagem criada principalmente pelo público-alvo da viagem, oriundos de sociedades portadoras de preconceitos.

A empresa *Booth Steamship* (Andrade, 2010) promovia a ideia de uma floresta que oferecia conforto, segurança e exotismo durante a prática de atividades turísticas. Relatos de cientistas e as frequentes trocas de informações que os turistas que realizavam o roteiro praticavam em seus círculos sociais, ajudaram na comprovação não apenas na qualidade do destino visitado, mas no roteiro como um todo. Durante os relatos encontrados por Andrade (2010), um deles afirma o quão encantadora e hospitaleira a cidade e seus habitantes eram com aqueles que a visitavam: Manãos manda uma banda de música para o cais, e vem em massa com aplauso, roupas brancas imaculadas, chapéus de palha e buquês de flores. É fácil escrever levemente sobre estas boas-vindas calorosas, mas, quando alguém aperta a mão de um inglês nesta cidade isolada, a mil milhas da civilização – e no entanto, como um oásis num deserto, possuindo todas as conveniências modernas, como luz elétrica, bondes, teatros, cafés, e jornais diários – há

um sentimento de orgulho, porque ingleses, escoceses e irlandeses tiveram cota não pequena nesta realização.

É possível perceber por meio da citação, o quão bem acolhidos os turistas se sentiam devido às calorosas boas-vindas que recebiam dos manauaras. Outro ponto que talvez fizesse muita diferença era a constatação de um lugar tão característico com as cidades europeias entre suas arquiteturas, vestuários e comportamentos sociais, presentes em plena floresta tropical. Para Andrade (2010) a possibilidade de encontrar produtos europeus, arquiteturas que se assemelham àquelas presentes na Inglaterra permitem uma melhor percepção da necessidade que estes turistas tinham de encontrar similaridades com os seus respectivos cotidianos mesmo nos mais longínquos lugares.

3. Objetivos e Metodologia

Para esta pesquisa, foi pensado uma linguagem artístico-cultural de cada espaço cultural proposto, totalizando cinco (05) análises, sendo estas, as mais recentes em exposição. O motivo de escolher as linguagens mais recentes apresentadas, se dá pelo impacto que a quarentena iniciada em março de 2020 - e que continua em vigor sob certas flexibilizações até meados de 2021 - no qual surgiu enquanto resultado da pandemia de COVID-19, pode ou não ter causado mudanças no planejamento da exposição em questão, o que não impede os gestores de mencionar outras exposições anteriores à pandemia. Portanto, pensou-se como objetivos:

- i) investigar a potencialidade para o turismo cultural por meio das linguagens artístico-culturais existentes nos espaços no entorno do Teatro Amazonas em busca de possibilidades de atrativos a mais aos visitantes;
- ii) refletir sobre as linguagens artístico-

culturais que ocorrem no Teatro Amazonas e no seu entorno;

- iii) entender como os espaços artístico-culturais foram se organizando no entorno do Teatro Amazonas e como estão se reorganizando perante os desafios da contemporaneidade.

A pesquisa foi, inicialmente, bibliográfica e bibliométrica utilizando referências teóricas acerca dos respectivos temas já apresentados na introdução. Esta pesquisa caracterizou-se como exploratória a respeito das linguagens artístico-culturais existentes em espaços situados no entorno do Teatro Amazonas, localizado no bairro Centro de Manaus, capital do Estado do Amazonas, no Brasil, lugar no qual foi realizada a pesquisa. Tendo em vista que estes espaços culturais possuem atratividades que buscam trabalhar elementos característicos da cultura local para o visitante, o método de análise foi por meio da semiótica. Segundo Santaella e Nöth, "a semiótica é a ciência dos sistemas e dos processos sógnicos na cultura e natureza, o foco de seus estudos são as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos"(2017, p.7).

Partindo da percepção de que tais linguagens artístico-culturais são um conjunto de signos culturais que buscam traduzir a realidade local dentro e fora de espaços de visitação, a semiótica torna-se um método científico de análise pertinente na busca de respostas aos objetivos levantados pela pesquisa. Para uma melhor compreensão sobre como funcionam os signos do turismo e como estes podem moldar a imagem turística de um destino, usou-se o livro "semiótica do turismo aplicada" da autoria de Cynthia Mello (Mello, 2019) que aborda em língua portuguesa sobre a aplicabilidade da semiótica na construção e entendimento dos signos do turismo.

Mello (2019, p.57) afirma que aplicar a semiótica no turismo, implica na compreensão de um

conjunto sógnico específico do fenômeno turístico, o que a autora chama de uma “semiótica especializada”. Os signos do turismo são parte de uma grande e complexa estrutura de sistema sógnico cuja intenção é construir uma representação imagética do destino turístico em questão e torná-lo atraente aos visitantes que também fazem parte desse sistema.

Torna-se pertinente uma reflexão profunda em torno destes espaços culturais a partir de um olhar semiótico no campo do turismo cultural, o qual exige a utilização da interdisciplinaridade para o processo de construção e reconstrução de conhecimentos, permitindo uma maior compreensão das representações culturais. Isso significa que a metodologia da semiótica nos auxilia na identificação de signos socioculturais relacionados à cultura, à história, à geografia, aos contextos sociais locais etc., enquanto que a semiótica do turismo se apropria destes signos para interpretá-los dentro do imaginário próprio presente no campo do turismo a fim de gerar imagens específicas daquele destino aos visitantes.

Inicialmente, foi feito um inventário de espaços culturais próximos do Teatro Amazonas visto que sua proximidade auxiliaria ao turista que desejasse conhecê-los sem precisar caminhar longas distâncias, e, portanto, chegou-se à delimitação de 05 espaços já supracitados na introdução: Ateliê 23; Casa das Artes; Casarão de Idéias; Galeria do Largo; Palácio da Justiça. Em seguida, foi feita uma visita aos espaços escolhidos para registrar em fotografias as diferentes linguagens artístico-culturais existentes em cada um deles.

Para se chegar em alguma resposta acerca desses espaços serem ou não excluídos do *trade* turístico manauara, foi feita uma análise em 04 mapas turísticos, visto que estes materializam imaginários de viagem, sendo facilmente encontrados em pontos de informação turística por toda cidade em busca de menções aos espaços culturais delimitados e foi constatado que tais menções são mínimas conforme veremos no subtópico seguinte.

Por fim, com o uso da semiótica, foram idealizadas duas ilustrações com um artista local: uma que apresente vários signos socioculturais presentes no centro histórico de Manaus que dualiza com a imagem turística de floresta já fortemente arraigada nas mentalidades dos turistas e outra que apresente signos artístico-culturais que dão vida a um centro histórico de Manaus que costuma ser invisível aos visitantes.

Finalmente, a semiótica do turismo nos permite entender quais são os elementos sógnicos mais usados pelo *trade* turístico que prioriza signos naturais e ignora os signos artístico-culturais, assim como pode nos auxiliar numa reconfiguração da imagem dos destinos turísticos por meio de pesquisas que identifiquem ofertas presentes ali, mas que são ignoradas pelo setor do turismo, independente de quais motivos o levam a isso.

Em outras palavras, é possível entender a complexidade dessas duas formas de sistemas semióticos como semiosferas, no qual Leão (2020) compreende que a semiosfera pode ser assumida como o domínio de todo sistema sógnico funcional em que, fora deste, a comunicação torna-se inexistente. As metodologias da semiótica e da semiótica do turismo nos permitem observar uma grande quantidade de signos heterogêneos que nos auxiliam a compreender a riqueza semiosférica presente no centro histórico de Manaus que poderia ser melhor aproveitados pelas atividades turísticas locais.

Esta pesquisa torna-se fundamental para uma compreensão acerca da complexidade que envolve a imagem turística e como esta deve ser apresentada com coerência aos visitantes por meio de instrumentos como os mapas turísticos por serem de fácil manuseio para que estes visitantes possam decidir se desejam ou não conhecer toda a oferta presente naquele destino independentemente de terem relações intrínsecas com a Amazônia ou com as expressões artísticas regionais.

4. Os mapas turísticos como instrumentos para análise semiótica

As representações sígnicas, simbólicas e icônicas presentes no turismo variam entre divulgações promocionais, sons, cores e movimentos corporais referentes aos aspectos culturais presentes naquele destino etc. Entretanto, há um elemento imagético muito presente no turismo que reúne todos esses elementos semióticos e que será muito importante para essa pesquisa: o mapa. O geógrafo brasileiro mestre pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da Universidade de Brasília, (CEPPAC/UnB) Lucas Pereira das Neves Souza Lima (2010) nos recorda que os mapas costumam ser constantemente vistos como elementos objetivos, que traduzem uma realidade de forma fidedigna. O que advém da forma errônea na qual fomos ensinados a compreendê-los. Sabemos entender os seus diversos elementos, mas não é fácil “ler” a mensagem que eles pretendem transmitir. Compreender o que é escala, as projeções cartográficas e as convenções, somente contribui na construção dessa visão positivista e normativa dos mapas. Entretanto, a cartografia contém uma série de intenções e subjetividades. Ela não está dissociada de um contexto social mais amplo, sua produção está sempre ligada aos interesses dos seus propagadores. Nesse sentido, ela retrata as ambições e os projetos de determinado grupo humano.

Portanto, dentro desta pesquisa é válido observar os mapas - em especial os mapas turísticos - por meio da perspectiva semiótica, como um complexo de signos representantes dos interesses de instituições, principalmente aquelas ligadas ao poder público, e suas respectivas intenções de dar visibilidade para atividades turísticas sob seus comandos enquanto que ignoram qualquer outra atividade fora de suas jurisdições no processo de elaboração de suas cartografias.

Mapas, por séculos, foram e são um complexo de signos semióticos que representam o poder dominante de um grupo sobre outro. No âmbito do

turismo, os mapas representam a influência de esferas de poder público e privado em determinados espaços existentes no centro histórico de Manaus.

Compreender essas relações de poder sobre as atividades turísticas presentes na área urbana da capital amazonense nos ajuda a entender que existe uma ausência de diálogo entre as instituições administradoras do turismo tanto em âmbito estadual como municipal, principalmente na clara exclusão de espaços turísticos e/ou culturais em cartografias, que foram planejadas por estas instituições, que não possuem controle sobre estes lugares o que torna-se óbvia a partir do momento em que se conhece melhor as dinâmicas sociais presentes naquela região.

O planejamento do turismo, principalmente em períodos atuais, precisa ser trabalhado em forma de rede visto que as instituições públicas e privadas possam trabalhar em conjunto para produzir e alimentar cartografias estáticas e virtuais que abranjam o máximo de oferta local possível e que esteja presente em um determinado espaço territorial em comum, o centro histórico, para que possam ser usufruídas tanto pelo visitante como pelo morador local.

Foram analisados 04 mapas turísticos institucionais no qual todos foram produzidos por instituições ligadas ao Poder Público. Suas escolhas surgiram pelo fato de serem os mapas mais fáceis de se ter acesso em vários pontos de informação turística pela cidade. Os mapas foram entendidos nesta pesquisa enquanto importantes ferramentas semióticas de construção de imagens na linguagem turística local. Isso devido a presença de diversos símbolos, índices e ícones que representam espaços reais na cidade onde seja possível fazer uma visita.

Notou-se que a presença de espaços culturais nesses mapas é ínfima, principalmente os 05 escolhidos para essa pesquisa. Entretanto, os mapas trazem uma apresentação maior para outros lugares que são importantes para a sociedade manauara mas que não possuem aspectos turísticos suficientes para serem representados em mapas tu-

rísticos, visto que são locais administrativos como o bairro distrito industrial que é composto por um aglomerado de fábricas, a Universidade Federal do Amazonas – UFAM e até mesmo a ilha de São Vicente que, apesar de ser um marco importante para Manaus, devido muitos historiadores compreenderem que a cidade iniciou-se a partir daquele ponto territorial, possui restrições quanto a visitação uma vez que atualmente é uma área militar. Logo é incoerente que tantos locais não turísticos estejam ganhando mais destaque que espaços culturais que possuem uma infraestrutura superior para receber visitantes, não apenas nos mapas mas em placas turísticas também.

4.1 Um olhar semiótico dos espaços culturais e suas artes

Há uma grande oferta artística que fica excluída do *trade* turístico local o que torna os espaços culturais tão interessantes para visitação. Durante a visita *in loco*, foi possível notar a grande variedade de linguagens artísticas existentes no entorno do Teatro Amazonas. Os espaços visitados: Ateliê 23; Casarão de Idéias; Galeria do Largo, Casa das Artes e Palácio da Justiça, possuem abordagens artístico-culturais diferentes que representam de formas variadas, a sociedade amazonense e manauara por meio das artes visuais, do teatro, do cinema etc.

O Ateliê 23 apresenta a arte do teatro relacionada com elementos culturais presentes na sociedade local e apresentando roteiros narrativos que abordam vivências de minorias presentes na cidade; O Casarão de Idéias possui um cinema independente nas dependências internas do espaço cuja programação busca apresentar filmes alternativos com temáticas ligadas à política e cultura, além de uma grande acervo de livros acadêmicos para pesquisa e leitura *in loco*; A Galeria do Largo apresenta exposições de artes visuais criadas por artistas locais oriundos da capital amazonense como

também do interior do estado, assim como a Casa das Artes, visto que ambos os espaços possuem o mesmo curador responsável por suas intervenções artísticas; O Palácio da Justiça possui visita guiada pelos seus belos salões e corredores relatando a historicidade jurídica no Amazonas nos últimos cem anos, além de exposições artísticas de curta e longa-duração.

Esses espaços possuem arquitetura com elementos ecléticos que por si só, já é um grande atrativo. Tanto que o Palácio da Justiça, como foi dito anteriormente, possui visitas conduzidas por monitores culturais pela sua história jurídica ainda presente na atmosfera de seus grandes salões e corredores. Quanto aos demais, o Ateliê 23, o Casarão de Idéias, a Galeria do Largo e a Casa das Artes, estes foram residências de famílias manauaras no período áureo da borracha e, portanto, manter a história desses lugares torna-se mais desafiador do que em lugares de uso administrativo.

Portanto, visitar essas antigas residências que tiveram suas funções alteradas até se tornarem os espaços culturais visitados, nos ajuda a mergulhar no imaginário histórico da vida naquela sociedade que esteve presente ali há quase um século atrás, em virtude de que a alteração de finalidade de residências para espaços culturais, não apaga a energia doméstica e aconchegante presente em seus interiores. Essas percepções são importantes para uma compreensão das dinâmicas espaciais no centro histórico, já que há a possibilidade de imaginar como essas famílias utilizavam aqueles lugares, partindo da premissa em que aquele cômodo seria uma sala de estar ou um quarto antigamente e atualmente são locais de exposições que estão em voga, dado que esses espaços estão sempre se transformando, em razão das diferentes necessidades de se comportar novas formas artísticas de utilizar aquele espaço.

A linguagem turística é compreendida por Cynthia Mello (2019), como um conjunto de construção imagética feita pelo governo, mercado e mídia para induzir na percepção do turista que já

busca conhecer determinado destino sob influência destes signos pré-fabricados às ofertas turísticas. Leão (2021) entende que é de responsabilidade das empresas turísticas, com maior impacto midiático sobre a imagem dos destinos, assegurar a respectiva competitividade por via da inovação contínua e radical.

A imagem turística projetada de Manaus busca signos que dualizam entre a historicidade cidadina e a historicidade dos povos originários amazônicos; o processo rápido de globalização da capital e as dinâmicas quase inertes presentes nas comunidades ribeirinhas, etc.

Adicionar esses espaços culturais na imagem turística seria como uma “correção” das ofertas presentes neste local histórico já bem construído com signos urbanos e históricos. O que não seria algo tão inovador visto que o Teatro Amazonas é por si só um signo que representa a união das artes e da historicidade urbana do centro histórico enquanto atrativo turístico. Adicionar os demais espaços aqui apresentados e que estão territorialmente próximos do Teatro, daria mais força para essa imagem turística que apresente ao visitante, uma Manaus detentora de uma oferta de

artes rica e variada, uma vez que a imagem turística do Teatro Amazonas está sendo remodelada em 2021 com a criação de uma identidade visual oficial a ser apresentada à população ainda neste ano. Outro fator importante a ser considerado é a necessidade de fortalecimento e potencialização das redes, no qual Leão (2021) afirma que quaisquer que sejam as dimensões de intervenção e grau de formalidade dos modelos de trabalho exercidos, tanto com atores responsáveis pela gestão de recursos do patrimônio, ou por agentes que atuam em regiões mais periféricas, complementam-se bilateralmente reforçando o esforço individualizado de cada um. Portanto, potencializar os trabalhos em rede assume uma função essencial e respeita o desenvolvimento enquanto paradigma de ligações entre os atores (organizações e indivíduos), visando uma satisfação de interesses comuns.

Com o auxílio do artista Pereira, foi elaborada uma ilustração, sob a metodologia da semiótica, dando evidência aos espaços culturais pesquisados e sua proximidade com o principal atrativo turístico de Manaus: O Teatro Amazonas, sendo reinterpretados sob a semiótica do turismo.

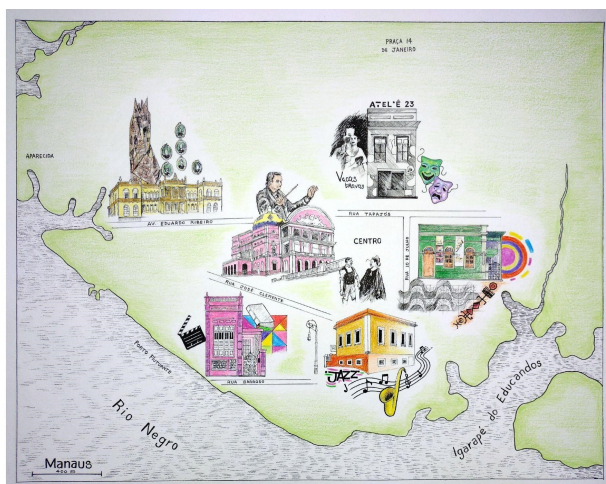


Figura 2 | Os espaços culturais e suas expressões artístico-culturais no entorno do Teatro Amazonas
Fonte: Pereira (2021)

Na figura 2 podemos observar o Ateliê 23 em tons de preto em razão do prédio ser pintado dessa cor como alusão à caixa cênica, muito importante para a arte do teatro, com a peça “vacas bravas” desenhada em seu entorno, cujos ensaios foram observados *in loco*; Abaixo em verde, temos a Galeria do Largo com algumas de suas exposições de artes visuais e o calçadão do Largo São Sebastião, cujo design remete aos rios Negro e Solimões, onde a Galeria se localiza; Em Laranja temos a Casa das Artes que sediava o festival de Jazz durante o percurso *in loco*; O Casarão de Idéias em rosa, com signos referentes ao cinema, à literatura e aos murais artísticos que o circundam no qual foram idealizados e executados pelo mesmo artista responsável pelas ilustrações dessa pesquisa; Em amarelo, é possível notar o Palácio da Justiça com uma grande torre representando uma torre feita de papel machê, posicionada no *Hall* do Palácio, para uma exposição criada pelo artista Otoni Mesquita, que também aparece no trabalho enquanto pesquisador, a frente da torre, há quadros dos vários presidentes do Tribunal de Justiça do Amazonas, representando sua função histórica; por fim, no centro da ilustração, temos o Teatro Amazonas que por ser uma Casa de Ópera, teve esta arte escolhida para representá-lo. Portanto, nota-se uma alusão à “Tosca” na qual foi apresentada em suas dependências em 2019 durante o último Festival Amazonas de Ópera antes da pandemia.

A ilustração propõe a identificação dos signos culturais existentes no centro histórico em busca de viabilizá-los para que sejam adicionados ao imaginário turístico local, os signos turísticos de Manaus possuem uma abordagem profunda nos elementos amazônicos e a inclusão de signos artísticos enriqueceria bastante na imagem turística da cidade. Um dos aspectos discutidos na semiótica do turismo por Mello (2019) é o Outro Turístico que envolve certas práticas turísticas que possuem um conjunto pré-estabelecido de signos tanto do destino que irá gerar circuitos cronometrados, como pelos visitantes que já irão conhecer o destino com

signos formados mentalmente enquanto ainda estavam em suas casas, relacionados com aquele atrativo que o impulsiona a ir *in loco* conhecer tal lugar.

Estes sujeitos do outro turístico, de acordo com a autora, pertencem a grupos sociais diferentes e que estão presentes em um mesmo espaço turístico em que nesta pesquisa, tais sujeitos podem ser entendidos como os artistas locais que expressam suas linguagens artístico-culturais em espaços configurados para as artes que estão dentro de um território geográfico maior entendido como espaço turístico e que estão à disposição de visitas, sejam de moradores de Manaus ou sejam de turistas.

Os signos turísticos podem se apropriar dos signos culturais inventariados nesta pesquisa para que sejam absorvidos pelo *trade* turístico e com o tempo, a ideia de uma cidade artística situada em plena floresta amazônica, seja implementada nas imagens mentais dos viajantes ao idealizarem na possibilidade de conhecer Manaus durante uma viagem.

4.2 O uso da criatividade dos gestores culturais na pandemia de COVID-19

Durante o percurso traçado para visitar os espaços culturais, Manaus encontrava-se em flexibilização da quarentena de COVID-19 iniciada em março de 2020. Logo, foi possível entrevistar quatro gestores culturais, dois do setor público e dois do setor privado responsáveis pelo planejamento das exposições artísticas nos espaços do entorno do Teatro e que foram escolhidos para essa pesquisa. Estes gestores pensaram criativamente em novas atividades artístico-culturais para estarem disponíveis para visita durante esse momento de flexibilidade.

Sengel (2021) afirma que as atividades turísticas, que são maioritariamente baseadas em relações humanas, parecem ter criado uma identidade diferente após o surgimento da pandemia de

COVID-19. Devido ao alto grau de contágio do vírus, uma grande parcela de turistas começou a considerar alternativas no qual densidades humanas e relações sociais são baixas e o distanciamento social seja mais rigoroso. Em Manaus, o número de turistas visitando a capital amazonense caiu consideravelmente e locais destinados ao turismo tornaram-se exclusividade dos moradores locais. Tanto o Teatro Amazonas quanto os espaços culturais sofreram bastante com a alta queda de visitas diárias, o que por um lado foi negativo devido a baixa demanda, por outro lado foi positivo visto que esse período de quarentena foi primordial para que estes espaços se reinventem durante um processo de adaptação às novas condições impostas pela pandemia.

O Palácio da Justiça, o Casarão de Idéias, o Ateliê 23 e a Galeria do Largo precisaram repensar como seriam suas visitas sob as dicas de proteção sanitária da Organização Mundial da Saúde – OMS. A demanda de visitantes caiu bastante devido aos agendamentos que precisam ser feitos previamente com pequenos grupos. Por conta da demora de três a quatro meses para reabrir os lugares com segurança, os espaços puderam planejar o tipo de exposição que seria apresentada. O Ateliê 23 repensou a peça teatral “Vacac Bravas” para o audiovisual por causa da impossibilidade de ter uma audiência presencial, o que causou uma maior promoção do espaço para públicos de outros estados brasileiros.

Quando questionados sobre se as mudanças propostas para esse momento permanecerão no período pós-pandemia, alguns acreditam que tudo depende da vacinação que pode tornar as necessidades de distanciamento social e o uso das máscaras obsoletas, enquanto que outros acreditam que mesmo com a vacinação, as medidas deveriam permanecer por serem atitudes de bom tom para diminuir o contágio de outras doenças.

As entrevistas geraram reflexões muito válidas e que dialogam entre as falas de um entrevistado com outro. É perceptível que os participantes que

trabalham na Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas-SEC têm maior conhecimento acerca das atividades realizadas em outros espaços da secretaria do que nos espaços com administrações diferentes, enquanto os participantes de espaços privados, têm maior conhecimento das dinâmicas culturais tanto em espaços culturais sob gestão pública quanto privada.

Há um consenso entre os entrevistados de que a cultura local é mais apreciada pelo visitante em alguns pontos e em outros é mais apreciada pelos moradores, o que condiz com as pesquisas do turístico Terence Andrade. Aparentemente, mesmo após um século de intervenções urbanas e mudanças sociais na área central da cidade em que o autor buscou compreender como “área de entretenimento”, alguns desses locais, como o Teatro Amazonas, que produzem aspectos diferentes da cultura local permanecem com uma visita externa, principalmente de turistas nacionais e internacionais, maior enquanto outros possuem um público local maior, como o caso dos espaços culturais escolhidos para essa pesquisa.

É preciso achar um caminho que traga um equilíbrio entre as visitas, o que pode estar relacionado com o planejamento turístico que prioriza a promoção de certos espaços em detrimento de outros. É interessante observar também que esse espaço geográfico que foi construído para ser um lugar turístico, de fácil acesso pelo porto e com várias atrações culturais e arquitetônicas próximas, como pôde ser notado nas reflexões trazidas pelo Andrade, ainda se mantém até a atualidade.

O que nos leva a considerar que este território específico já possui bases bem estruturadas no consciente social coletivo de que é um local onde é possível encontrar dinâmicas culturais variadas e, portanto, é preciso planejá-lo para que as visitas de lazer e turísticas se tornem mais satisfatórias aprimorando seu acesso, sua sinalização, sua segurança, infraestrutura etc. Os entrevistados, em sua maioria, possuem conhecimentos similares sobre o campo cultural local onde todos concor-

dam que seus espaços buscam propor ofertas para os visitantes que sejam um contraponto com os signos pré-fabricados que os turistas trazem consigo quando se interessam em conhecer uma cidade na Amazônia.

Alguns inclusive, criticam a imagem semiótica de “selva” que é fortemente arraigada na imagem turística de Manaus no qual alegam que é preciso dar maior visibilidade para a autenticidade das artes em oferta e que estão presentes em vários pontos distintos mas principalmente nestes espaços culturais no qual costumam fugir da premissa amazônica e buscam explorar facetas culturais variadas como obras de artistas latino-americanos, como a exposição em homenagem à artista mexicana Frida Kahlo promovida pelo Casarão de Idéias em 2021, ou abordagens debatendo temas sobre sexualidade como a já citada peça “Vacac bravas”, e monumentos inspirados em culturas não-amazônicas como a torre em exposição no *Hall* do Palácio da Justiça, inspirada nas culturas do oriente médio, etc.

A maioria dos entrevistados concorda que estas artes também poderiam refletir no turismo local e nos signos do turismo em Manaus para que o imaginário manauara vá além dos fetichismos das identidades amazônicas uma vez que não refletem toda a realidade de uma cidade com 2.255.903 milhões de habitantes de acordo com o censo IBGE para 2021.

5. Conclusão

As análises das exposições presentes neste trabalho condizem com o objetivo de melhor compreensão das dinâmicas culturais existentes no bairro Centro e que são apenas uma pequena amostra da grande produção artístico-cultural existente naquela territorialidade. Logo, abordar sobre como as artes podem trazer reflexões variadas para os visitantes enquanto são apresentadas em lingua-

gens diferentes, foi o foco fundamental no qual ficou perceptível em como o *trade* turístico local costuma excluir os espaços culturais de seus roteiros e de ferramentas de apresentação da oferta turística de Manaus para o visitante, por meio dos mapas turísticos como objeto de análise.

As linguagens artístico-culturais que ocorrem no Teatro Amazonas e no seu entorno variam entre alta cultura e cultura popular, atingindo diferentes públicos formando um campo cultural diversificado que atende as necessidades de visitantes com perfis diversificados mas com um objeto em comum: absorver cultura enquanto lazer e entretenimento. A ideia de contatos culturais que Cuche (1999) entende como aculturação, está fortemente enraizada na área central de Manaus, uma vez que é possível encontrar uma grande diversidade cultural naquela região.

Outro ponto interessante é que, mesmo que os entrevistados acreditem estar produzindo artes da contracultura local, muito do que está exposto nos espaços geridos por eles explora bastante da identidade amazônica, mesmo que estes busquem distanciamento. Ao entender melhor sobre culturas dominadas e culturas dominantes conforme Cuche, é perceptível que a identidade amazônica dominante sempre estará influenciando as artes dominadas, mesmo que estas tenham o foco de distanciar-se a qualquer custo, em razão de expressões orais presentes na peça “vacac bravas”, elementos visuais usados em grande parte das pinturas expostas na Galeria do Largo, em alguns dos livros disponíveis no Casarão etc., que se aproveitam justamente dessa identidade amazônica no qual é possível notar bastante coerência entre o que foi observado *in loco* com a bibliografia utilizada para a pesquisa.

A necessidade das artes amazonenses para socializar as individualidades da sociedade manauara enquanto lazer aos moradores locais, acabam se tornando também uma importante porta de introdução dessas mesmas individualidades tão específicas da região aos visitantes que podem entender melhor a respeito da cultura presente na capital

amazonense.

O Teatro Amazonas foi construído em um espaço geográfico que foi se tornando referência artística justamente pela sua presença imponente e que foi estabelecendo aquele local como ponto fundamental para as artes manauaras ao tornar-se um parâmetro artístico justamente pela sua existência, no qual espaços culturais foram se organizando posteriormente à sua construção, influenciados diretamente ou não pela sua permanência naquele local. E em consequência disso, estes espaços culturais enriqueceram aquela espacialidade com suas diferentes formas de representar a cultura manauara e amazonense, estabelecendo aquele território como fonte criativa de onde se pode encontrar as principais expressões artísticas na cidade.

O uso da semiótica na análise dos mapas turísticos ajuda a perceber que signos históricos importantes para Manaus foram devidamente identificados, como o bairro distrito industrial, a Universidade Federal do Amazonas - UFAM e a ilha de São Vicente, mas que a falha de reinterpretá-los como signos turísticos por meio da semiótica do turismo torna-se evidente, uma vez que estes mesmos lugares não possuem infraestrutura apropriada para visitação.

A utilização da semiótica para identificar signos socioculturais presentes no centro histórico e da semiótica do turismo para compreender como estes signos pré-identificados podem ser inseridos no imaginário turístico local, foram fundamentais para uma compreensão acerca da imagem turística existente sobre Manaus e como essa imagem exclui todo e qualquer elemento cultural que se distancia muito dos elementos sógnicos presentes na Amazônia. Entender como funciona a construção dessas imagens turísticas focadas prioritariamente na floresta por meio da semiótica, nos ajuda a analisar a influência dessas imagens na mentalidade dos futuros viajantes que busquem conhecer a cidade, mas que ignoram toda uma oferta presente em área urbana para se concentrarem nas ofertas naturais que cercam Manaus.

Remodelar essas percepções turísticas com signos culturais e artísticos presentes pela cidade, podem atrair novos públicos de turistas interessados em uma arte fortemente influenciada pelos signos amazônicos e para isso, a mídia, a propaganda e o poder público precisam reconstruir essas imagens sob essa conjuntura, segundo a semiótica do turismo conforme Mello (2019).

É compreensível que essas reformulações da imagem turística do destino Manaus só serão possíveis a longo prazo, uma vez que Manaus não costuma ter sua imagem associada à expressões artísticas no qual muitas destas se distanciam da tradicional imagem amazônica. Esta pesquisa torna-se fundamental para iniciar uma maior problematização relacionada a um senso crítico acerca de um imaginário turístico manauara que seja mais coerente com as ofertas presentes na cidade.

Referências

- Andrade, T. K. (2010). Da emergência à modernização: Os primeiros lugares turísticos de uma cidade Amazônica. *Hal Open Science Journal*, 1-50.
- Barreto, M. (2004). As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: LUCHIARI, M. T. *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas. Editora Papirus.
- Brasil, Ministério do Turismo. (2006). Turismo Cultural: orientações básicas. Brasília. Ministério do Turismo.
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa. Editora da Universidade do Sagrado Conceição.
- Daou, A. M. (2014). *Cidade, teatro e o "Paiz das seringueiras": práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX*. Rio de Janeiro. Editora Rio Book's.
- Eagleton, T. (2000) *A ideia de cultura*. Londres. Blackwell Publishers Limited - Oxford.
- Figueiredo, L. S. (2017) *Cultura e turismo: interfaces metodológicas e investigações em Portugal e no Brasil*. João Pessoa: Editora do CCTA.
- Fischer, E. (1987). *A necessidade da arte*. 9. Ed. Rio de Janeiro: Editora LTC.

- Garcia, E. (2010). *O Amazonas em três momentos: Colônia, Império e República*. 2. ed. Manaus. Norma Editora.
- IBGE. (2021). Manaus-AM. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>. Acesso: 01 de novembro de 2021.
- Leão (2021). Redes de Turismo no Patrimônio Cultural Edificado: uma Revisão de Literatura. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 35, 113-123. <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i35.24628>
- Leão, M. (2020). Sistemas Semióticos de Cultura: A Universidade do Porto como Semiosfera. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 34, 165-174. <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i34.22360>
- Lima, L. P. N. S. (2021) *Mapas Sociais: Propostas e Perspectivas*. Monografia (Bacharel em Geografia) — Universidade de Brasília.
- Mello, C. (2019). *Semiótica do Turismo Aplicada*. Curitiba. Editora Appris.
- Mesquita, O. M. de. (1997). *Manaus: História e Arquitetura 1852 - 1910*. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas.
- Salgueiro, V. (2002). *Grand Tour: Uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. São Paulo. Revista Brasileira de História.
- Santaella, L. & Nöth, W. (2017). *Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo. Editora Paulus.
- Segala, L. V. (2007). Turismo cultural nos antigos centros urbanos: Uma tendência nacional?. Santa Maria. *Revista Turismo - Matérias especiais*, 89-201.
- Sengel, U. (2021). COVID-19 and “New Normal” Tourism: Reconstructing Tourism. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 35, 217-226. <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i35.24652>